

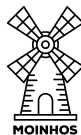
Janeiro



Janeiro

Sara Gallardo

tradução de
Ellen Maria Vasconcellos



A Luis Pico Estrada



01 “Falam sobre a colheita e não sabem que, quando ela chegar, já não vai ter jeito – pensa Nefer –; todos os que estão aqui, e muitos mais, vão saber, e ninguém falará sobre outro assunto.” A angústia lhe embaça os olhos e lentamente torce sua cabeça, enquanto com a mão rastela modestos rebanhos de farelos pelo tecido gasto da toalha de mesa. Seu pai acaba de dizer alguma coisa sobre a colheita e estica o braço pedindo o pano de prato que enxuga alternando mãos e bocas, e que a mãe lhe entrega, atropelando em sua pressa um cachorro que gane e se refugia debaixo do banco. Ao caminhar, sua sombra vaga entre as sombras dos que comem, efeito da luz do lampião fixo na parede. “Logo vai chegar o dia em que minha barriga começará a crescer”, pensa Nefer. Os insetos vibram, se alvoroçam e chocam contra o vidro do lampião, voltam a subir pelo cano, voltam a se queimar e a cair, e ninguém a vê, imóvel em seu canto, enquanto comem inclinados sobre seus pratos e ouvem de vez em quando as frases trocadas de seu Pedro com o turco, que acaba de soltar os cavalos do coche e traga sua sopa assoprando de vez em quando.

– Vacas leiteiras – disse o turco – umas cem... lindas...

– Onde você disse que topou com elas, Nemi? – perguntou Dona Maria.

– Lá no cruzamento, mais ou menos. Iam para a feira, penso eu...

– Sim, amanhã tem feira... Mas de quem serão...? Você não ouviu, Juan, alguém dizendo em mandar o rebanho para feira amanhã?

Juan boceja e, sem ouvi-la, crava seus olhos lacrimejados no lampião.

– Juan!

– Sim, senhora...! – Faz pouco tempo que ele trabalha no rancho e não gosta de parecer sonso.

Nefer pensa que até que há uma distância significativa entre a mesa e seu corpo, mas que há de chegar o momento em que lhe seja difícil passar entre os bancos para chegar onde está. “Mas para essa data, já não vou comer aqui... Quem sabe se até lá não estarei morta...” e se imagina rodeada de flores e gente triste, e o Negro apoiado na porta com a cara séria e os olhos, por fim, postos sobre ela. “Mas é mais provável que ele olhe para Alzira”, reflete com desânimo, e a vontade de morrer passa enquanto contempla a sua irmã que coça pensativamente seu braço, enquanto espera que o turco termine de comer para levar seu prato.

As sombras trepam pela parede áspera e se unem à escuridão do teto onde a palha pousa esticada, lisa, como em um penteado. Alzira liga o rádio e passa de estação a estação até que se detém em uma audição cômica onde um falso italiano trava um diálogo a gritos com alguém.

Como se falasse ao lado de uma cachoeira, seu Pedro puxa novamente a conversa com o turco:

– Então quer dizer que vendeu caro...?

– Caro, sim, bastante, mas como eu mesmo digo, se a colheita é boa, barata vai custar...

“A colheita, é impossível que ela chegue sem que todo mundo fique sabendo.” Um grito forte lhe sobe, é impedida

pelos dentes e volta a baixar sem ter saído. Quer tomar um ar um momento, não mais que isso, sair dessa cozinha onde o calor do lampião banha todas as caras e o rádio faz que o ar vibre, enquanto Dona Maria dá risada com Alzira das piadas dos locutores.

Mas para sair, tem que fazer levantar os que estão, como ela, sentados no banco, de costas para a parede, e além disso, explicar o motivo de querer sair. Não, qualquer coisa antes de chamar atenção; talvez tomando vinho se sintam melhor. Estica o braço, apanha a garrafa que seu Pedro acaba de pousar na mesa, a leva aos lábios e toma, fechando os olhos; depois, empurra a janelinha que fica a seu lado no cômodo e um pouco de ar fresco lhe incide em seu rosto. Inclinando, busca a luz longínqua de “Santa Rosa”, mas não vê mais que a folhagem de uma árvore vizinha.

“Se Negro soubesse que é seu, que é seu, talvez me olhasse, talvez me quisesse e se casaria comigo, talvez iríamos os três em uma charrete até um rancho longe, e viveríamos para sempre.

Mas não é seu... Sim, sim, é dele, é dele... Não, não é seu... Mas é culpa do Negro, a culpa sim é toda dele.” O que pode fazer uma menina, sozinha no campo, em um campo tão extenso e tão verde, todo plano, com trens que vão a cidades e voltam quem sabe de onde? O que pode fazer?

As ricas são outra coisa. Pensa em Luísa, que a essa hora se sentaria na sala de jantar de sua estância. Sua mãe teria dito algo como: “Estas são todas assim, se deitam com qualquer um, mas ninguém sabe de nada. Elas sabem se virar.” Seria certo? Mas ela, ela, Deus, ela, o que tinha feito? Nada, não se lembrava, não importava, era como um sonho, e agora, entre toda essa gente tranquila no meio da vida está ela, angustiada e com medo.

Porque não é possível voltar atrás, o tempo vem e tudo cresce, e depois de crescer, vem a morte. Mas para trás não é permitido andar.

E o Negro, quando souber, quando lá no rancho, a Edilia contar – e que língua afiada e risinho irônico ela tem – ele talvez sorrisse, talvez fizesse uma piada... não, ah, não, e era sua culpa, era culpa do Negro, porque ela nem sabia como tinha sido, mas sabia que era culpa do Negro.

Pensa que se tivesse sido possível não o conhecer, e então é como se voltasse àquele dia em que o viu pela primeira vez. Sente, de novo, a frescura do ar que a brisa lhe trazia. A família inteira foi até o rodeio, porque fazia muito que não se organizava um com prêmio tão altos. Seu primo, um loiro magrelo de pernas tortas, tinha possibilidades de sair vencedor. Nefer se lembra de quase ter que fechar os olhos para conseguir vê-lo montar, tamanha distância. Ela volta a ver o corpo sacudindo sobre a sela e seu braço indeciso que não se atrevia a soltar o látigo. Detrás dela alguém disse:

– Lindo prêmio vai ganhar se seguir castigando o cavalo assim tão forte...

Várias risadas concordaram com a piada. Nefer, humilhada por seu primo, girou com desprezo para enfrentar o burlador, e quando o viu, com a perna indolente cruzada na sela e o cigarro na boca, baixou os olhos. Foi a primeira vez que viu Negro Ramos, mas sua fama de ginete já o precedia.

– Nefer! Estão falando com você, não seja néscia. Está dormindo?

Ao virar outra vez, vê os grandes bigodes de Nemi Bleis inclinado sobre ela e, para não pensar em quanto será que ele já falou sem que ela o ouvisse, fixa seus olhos na quantidade de veias que se cruzam no nariz do turco.

– Como dizia? – pergunta.

– Pergunto se rendeu o tecido que lhe vendi outro dia, para o casamento de sua irmã; o de flores, se lembra?

– Sim, como não, ficou ótimo, sim.

Foi justo no casamento da Porota quando começou sua desgraça. Como não lembraria da festa em casa, do dia de calor, das churrasqueiras entre o galpão e o curral, e Negro chegando com o alazão que domava. Tinha desejado que chegasse o casamento da Porota por ele, tinha costurado o vestido para ele, e antes ainda, quando o turco chegou com sua carga de mercadorias, escolheu o tecido de flores porque pensou que ele gostaria dele.

Fazer os remendos nas calcinhas furadas de suor e do roce com os estribos é enfadonho; cerzir camisas é entediante, mas o vestido, o vestido mil vezes pensado, provado, desfeito e refeito, com sua forma definitiva aparecendo entre as mãos, o vestido é outra coisa.

Lembra como se dispôs a passá-lo, a atenção que colocou no ferro de brasas, e depois quando colocou o vestido no pátio para que o ar lhe desse frescor e vida.

Se não fosse porque na estância “O Retiro” tinha chamado a um padre para a missa de um santo, os noivos teriam que ter ido até a cidade para se casar. De ônibus teriam ido, alguma quarta-feira, muito alinhados, com o vestido da Porota pendurado em um cabide. Mas com a vinda do padre, puderam se casar na capela mesmo, em frente ao bar, e a festa poderia ser em casa.

Porota e Alzira foram até a cidade para fazer permanente no cabelo e voltaram como carneirinhos, enquanto Nefer passava as roupas. Lembra claramente; tinha passado esse vestido com tanto cuidado que, só de pensar, lhe voltava a vontade de chorar.

Todo o tempo que esperou, e, de repente, entre dois ou três ginetes, o viu chegar com seu facão de prata cruzado na cintura. O trote fazia tilintar os botões de seu cinto resplandecente e Nefer, ah, Nefer cevando mate para as visitas com sua irmã, ela não viu, ficou de costas, queimou as mãos com a água que vertia, mas ouviu – durante um momento, ela não foi mais que ouvidos – como ele desmontava, como atava o cavalo, as piadas que trocou com os amigos, os passos que cruzou no pátio para entrar à cozinha e cumprimentar a todos. Quando chegou sua vez, respondeu muito rápido: bem-obrigada-e-o-senhor, e depois lhe ofereceu mate com os olhos baixos.

Chegou a hora do almoço, servir os convidados, ir e vir, o calor, as brasas latejando na terra onde os churrasqueiros suavam; os homens se inclinavam a cortar lentamente seus pedaços; havia vinho, havia empanadas – durante toda a véspera prepararam com a mãe e as primas –, o sol castigava sobre o pátio de chão batido, as caras estavam vermelhas sob a sombra das taleiras, Jacinto começou a tocar uma música alegre no acordeão que enchia o ar da manhã. Mas ela, Nefer com a travessa das empanadas ou a bandeja de carne, Nefer com o vinho ou oferecendo biscoitinhos, tinha olhos nas costas, nos braços, na nuca, em todo o corpo, e sem olhá-lo, observou Negro constantemente. Ela o viu quando se agachou entre os amigos e comeu com seu facão um grande pedaço de carne, um bocado e outro, asseadamente e sem pressa, sorrindo às vezes e falando outras.

O dia todo passou assim, com o Negro no centro. E ao lado dele, Delia.

Se Nefer não tivesse as unhas gastas até a carne pelo trabalho; se não fosse irmã da noiva; se não fosse ela mesma, como teria despedaçado essa cara com as próprias mãos, esse corpo odiado, como teria acabado com essa risada de

anhuma! Moída a bofetadas, teria feito que ela rolasse pela terra, teria lhe agarrado pelos cabelos e amarrado ao rabo de um potro, teria lhe pendurado pelos pés, nua sobre o fogo, e por fim, carbonizada, desfeita, teria dado seu pó aos carunchos, aos cachorros, às doninhas e às raposas.

Ah, Delia, filha do dono do bar, toda impecável e desenvolta.

Como essas cicatrizes pálidas se faziam vermelhas com um mínimo de esforço, a cara de sua avó se iluminava em seu sangue. Mal a conhecera, mas sabia que ela estava viva dentro de Nefer. Sua avó vagando pelas lagoas de Carhué e pelos campos de areia, ainda menina nas tendas do Oeste; sua avó escura e sem cabelos brancos, morta aos cem anos e sábia nas palavras terríveis. Mamãe não falava dela porque seu sangue tinha chegado da Itália com seus pais; papai não necessitava mencioná-la e as netas também não.

O que é o dia, o que é o mundo quando tudo se desestabiliza dentro de alguém? O céu escurece, as casas crescem, se condensam, tropeçam umas nas outras, as vozes se alteram, aumentam, são uma só voz. Chega! Quem grita assim? A alma está negra, a alma como o campo em tempestade, sem uma luz, calada como um morto debaixo da terra.

Nefer sai com o mate nas mãos. No galpão, dançam todos há um bom tempo e ela mesma dançou com muitos debaixo da luz forte dos lampiões. Agora corre, fugindo. Nicolás, o que trabalha nas linhas do trem, lhe chama “Nefer”, cruzando enormemente em seu caminho. Ela então para.

– O que você tem aí? Mate?

Nefer o vê, mas não vê sua cara, não vê seus bigodes, só vê Delia com Negro, dançando e rindo. Diz sim, assim como teria dito não. O homem então diz:

– Me serve um? Estou com sede.

– Está seco já; tenho que trocar a erva.

Por sua face escorrem lágrimas, mas ele não sabe. O homem bebeu vinho, se nota pelo cheiro, ela o viu essa tarde rindo e falando.

Ele a agarra por um braço e os espinhos do mato cravam em suas costas. O homem tem bigode e cheiro de vinho, faz calor, as ramas dos arbustos são um mundo, Negro está com Delia, o homem sua, faz calor, me afogo, ah, Negro, o que você fez, olha meu vestido, era para você. Durante meses esperei este dia para convidar você...

Duas garrafas se chocam quando seu Pedro empurra a mesa para que o turco possa levantar e sair com mais facilidade. Acabou a comida e Juan se levanta murmurando “com licença” enquanto limpa seus dentes com a ponta de uma faca.

Nefer espera que o banco se esvazie para sair; sua mãe verte água fervente em uma bacia cheia de pratos e talheres ensaboados que Alzira seca e guarda à medida em que vão sendo lavados, e Nefer busca um pano para correr em lentos círculos as sobras dispersas na mesa, fazendo-as deslizar até a borda, onde caem no chão e os cachorros e as galinhas brigam em disputa por elas.

– Vamos, guria, encontra alguma coisa no rádio – diz a mãe, porque a audição cômica já cedeu lugar a um tema musical que abre uma novela cheia de suspiros.

– Essa – diz Alzira –, deixa essa. É Claudia Reyes.

Nefer deixa na estação e volta ao pano, mas logo o abandona também e sai até a noite, se apoia em uma árvore e vomita. Uma força dolorosa lhe contorce, nubla seus olhos e arde em sua garganta, e a angústia lateja em seus ouvidos. Longe, um trem passa sem cessar pela planície em sombras.

“Morrer – pensa – seria melhor”, e respira ansiando sob o sussurro da árvore. Dali vê Nemi Bleis entrando com suas

mantas no quarto onde Juan se desveste à luz de uma vela, e seu Pedro que dá a volta pela casa em sua última ronda. A moldura de luz que a porta da cozinha forma sobre o pátio se corrompe por uma sombra grossa.

– Nefer! – grita Dona Maria – Nefer!

– Já vou.

Antes de entrar, gira e olha para o horizonte, a luzinha imóvel de “Santa Rosa” onde Negro estaria acabando de jantar. Mais ao Oeste, o bosque da estância dorme como um grande barco sombrio, protetor dos outeiros dos ranchos, que um depois do outro apagam suas luzes e vão fundindo-se com a planície.



02 Prefere esperar de pé no sol brando da manhã, até que a senhora apareça com suas inumeráveis palavras que surgem entrechocando-se, e não entrar na cozinha ainda onde tantas pessoas lhe oferecerão coisas e a farão sentar.

Pensa que, hoje, isso que a enche e a afoga se rebate contra as paredes e se volta contra ela insuportavelmente, e, por isso, prefere apoiar-se em uma árvore, agachada sobre a terra que, a partir de seus pés, corre sem variações até o horizonte, e deixar que seus olhos se detenham em cada pelo, em cada mudança na geografia do lombo do cachorro que acaricia.

Além disso não. Nem o parque, nem as flores, nem a planície, ou as janelas da casa onde alguém se assoma: não interessa nada além deste permanecer no imediato.

A cozinheira aparece:

– Guria – grita –, a senhora está pedindo para você entrar, que a espere aqui!

– Não, obrigada – responde em tom baixo –, estou bem aqui, estou...

– Venha, que te sirvo um pão com manteiga. O que você vai ficar fazendo aí com o cachorro? Não tem que ser tão teimosa, menina.

Deixa o cachorro e se aproxima, com o raminho que usou de chicote debaixo do braço.

– E isso? Deixa fora, não precisamos de lixo aqui dentro.

Abandona o ramo e entra. Já conhece o cheiro da cozinha, com a mucama cerzindo meias debaixo da janela, o ajudante lustrando os talheres como um imperturbável poste pálido, a cozinheira com um avental xadrez sobre a barrigona cheia.

– Bom dia – murmura.

– Dia.

– Sente-se, menina.

É estrangeira nesta grande cozinha vermelha aonde lhe chamou a madrinha, a senhora Mercedes. Para quê? Já nada lhe interessa mais que isto que enche seus dias e suas noites como um fungo negro e crescente, e que talvez já até se note às vistas. Nefer se aferra nas alpargatas usadas como em dois barquinhos cinzas sobre a baldosa, ou em suas mãos cruzadas no colo, ou em seu cabelo queimado pelo permanente.

– Você é a Alzira, a Porota ou a outra? – pergunta a mucama.

– A Nefer, sou eu.

– Mas como está pálida, hein?, magrinha... Por que você não aprende com sua irmã?

Sorri apenas, um escasso sorrisinho sério e olha para suas mãos, curtidas e cruzadas consolando-se uma à outra.

– Que senhora mandou te chamar?

– Dona Mercedes, que me disse para vir hoje.

– Ah, porque a senhora mais velha está doente. Toma, come um pouco para ver se você fica mais rosadinha.

– Obrigada.

A porta se abre e Luísa, com lenço no pescoço e um livro na mão, se assoma e entra.

– Dia – diz –; como está, Nefer?

– Bem-obrigada. E a senhora?

– Bom dia, menina Luísa – diz didaticamente o ajudante.

Ela se senta sobre a mesa e cruza as pernas, acolchoadas em umas calças com as que, como o pai de Nefer, “se parece a um quero-quero magrelo”.

– Como estão por sua casa? – pergunta.

– Bem estão, obrigada, mandam lembranças.

– Obrigada. Seu pai está fazendo meu rebenque?

– Não sei, não.

– Isso quer dizer que não está. Já estou por passar lá para fazê-lo se lembrar.

– Como não, vá sim – Nefer sorri.

– Por favor, que horas são? – diz Luísa.

– São as dez, menina.

– Ah, bom, tenho tempo. Até logo. – E sai.

Nefer volta a sorrir. Muitas vezes, de lá do rancho, vê Luísa passar galopando rodeada de seus cachorros.

Mastiga lentamente e o gosto da manteiga lhe dá certa esperança.

– Ai, menina, poderia ao menos lavar as mãos antes de comer – diz a mucama –, olha que imundície. – E Nefer olha suas cinco unhas negras sobre a casca do pão.

A voz de dona Mercedes precede sua chegada e Nefer se apressa para engolir; quando a porta abre, deixa, com certo embaraço, o pão sobre a toalha de mesa e se coloca de pé. Dona Mercedes aparece como uma esfera com dois parênteses rosados de braços.

– Como está, minha filha? – diz –; siga comendo, não pare. Sua família bem, não? Faz pouco que passou seu aniversário, não é certo? Quantos anos fez?

– Dezesseis, eu fiz, senhora.

– Dezesseis, é verdade, Alzira, dezoito, não? E Porota? Como está? Não espera família?

– Não sei, senhora.

Os sapatos da senhora vieram do jardim e estão contornados de barro. Um barro limpo, pensa Nefer; é estranho, mas limpo.

– Três meses que se casou, já poderia haver novidades, hein? – A senhora ri e pousa uma mão com dois anéis sobre seu peito gordo.

– E... – diz a cozinheira – há de andar com cuidado, a vida está cara... – E lança uma gargalhada parecida ao ruído de dez panelas desmoronando-se. O ajudante se levanta com dignidade e se retira do recinto; a senhora se burla dele com uma piscadela e segue sua fala:

– Então estão todos bem, certo? Bom, olha, preparei para você um presentinho de aniversário já que sou sua madrinha.

– Obrigada, senhora – murmura e não se atreve nem mesmo a olhar o pacote branco que tem em suas mãos –; por que a senhora se incomodou com isso?

– Pelo contrário, é de muito gosto. Você viu? Amanhã começa a missão – o coração de Nefer se espessa –; sua mãe já sabe. Estive com ela, ah, é verdade, você também estava lá. Irão todos, me imagino; bom, já sabe. Você trabalha cedo amanhã no tambo? Na ordenha?

– Sim, senhora.

– Bom, então pode tomar algo de líquido como desjejum antes de comungar. Líquido, hein? Nada de biscoito. Só algo quente, café com leite ou mate para não se sentir tão fraca; já adverti sua mãe. Não sei que sacerdote virá, mas seguramente será um tão bom quanto todos. Você fez a primeira comunhão, não? Sim, já me lembrei. Bom, a portar-se como bons cristãos, hein? De bons modos, já que é

somente uma vez por ano que temos a sorte de ter aqui ao Nosso Senhor, hein?

Nefer sente que o cômodo dá voltas e aperta entre as mãos o pacote estrepitoso. As regras de civilidade inculcadas pela mãe lhe impedem de abri-lo, pois um presente se agradece, seja o que for. Mas dona Mercedes quer ver a reação, agarra o pacote, o desfaz sobre a mesa e desembulha um tricô vermelho com botões de vidro.

– O que acha? Você gosta?

A Nefer lhe pareceu sublime, mas faz com que seu rosto não expresse a alegria sentida.

– Sim, senhora, obrigada. – Pensa que o vestirá amanhã, que Negro deverá vê-la... mas em um instante, volta a se assombrar, o fungo negro se incha dentro dela até a garganta, e olha como a senhora mede a manga do casaco sobre seu braço.

– Agora, sim, que estará linda – diz a cozinheira enquanto dona Mercedes refaz o pacote e Nefer, com os braços pendurados, lhe deixa medir quase sem notá-la.

Depois vai embora, esquivando os fenos com lentidão, e seus olhos sobem lentamente pela crineira como uma escova de piaçaba, chegam até as orelhas, imperturbáveis de tão doces, voltam a baixar até o garrote onde uma grossa crina termina esparramada pelo pescoço.

Antes, quando era alegre – agora sabe que já foi –, seu olhar corria longe, ia de um bosque, de um moinho, a uma tropa de cavalos, a uma charrete pelo caminho. Agora não, os olhos se fizeram mais pesados como a alma, e se lhe perguntassem o que ela vê, diria minha mão, o garfo, a toalha, o prato e nada mais. Para dizer a verdade, nem isso vê. Nem sequer isso.